



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Produção, Comercialização e Consumo: um Estudo da Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB

Leiliane dos Santos Gonzaga¹

Letícia Andrea Chechi²

Mariele Boscardin³

Andréa Cristina Dorr⁴

Resumo

O presente trabalho analisa a Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB, localizada no campus de Cruz das Almas (BA), como espaço de comercialização direta entre produtores e consumidores, caracterizando-se como circuito curto de comercialização (CCC). A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, foi realizada por meio de entrevistas com feirantes e consumidores, buscando compreender as dinâmicas socioeconômicas, produtivas e de consumo envolvidas nesse espaço. Os dados revelam que a maioria dos feirantes são agricultores familiares que produzem seus próprios alimentos, sem o uso de agrotóxicos, valorizando práticas agroecológicas e o consumo consciente, características importantes dos circuitos de comercialização. A feira também se mostrou relevante para a geração de renda, o fortalecimento do associativismo e o acesso a políticas públicas. Por outro lado, foram identificadas dificuldades, como a ausência de transporte adequado para escoamento da produção, o que compromete a regularidade da comercialização. Os consumidores demonstraram valorizar a qualidade dos produtos, a relação de confiança com os feirantes e a possibilidade de saber a origem dos alimentos. A feira UFRB diferencia-se de outras feiras locais por seguir princípios da economia solidária e exigir que os produtos sejam oriundos da produção familiar. O estudo evidencia a importância das feiras livres como espaços de resistência frente ao domínio das grandes redes varejistas, promovendo o fortalecimento da agricultura familiar, a segurança alimentar e a valorização da cultura local. Conclui-se que os circuitos curtos de comercialização são fundamentais para consolidar modelos de produção e consumo mais justos, sustentáveis e territorializados.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Circuitos Curtos de Comercialização; Feiras Livres; Economia Solidária; Consumo Sustentável.

¹ Mestranda em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), leilianegonzaga2@gmail.com.

² Mestra e Doutora em Desenvolvimento Rural, Docente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), E-mail: leticiachechi@furg.br

³ Doutora em Extensão Rural (PPGEXR/UFSM) e Professora da Universidade Federal de Santa Maria, E-mail: mariele.boscardin@ufsm.br

⁴ Mestra em Economia Aplicada pela Universidade de São Paulo, Doutora na Universidade de Hannover, Alemanha. Professora no Programa de Pós Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, E-mail: andreadoerr@yahoo.com.br



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO -RS



Production, Marketing, and Consumption: A Study of the Family Farming and Solidarity Economy Fair at UFRB

Abstract

This study analyzes the Family Farming and Solidarity Economy Fair at UFRB, located on the Cruz das Almas campus (BA), as a space for direct trade between producers and consumers, characterized as a short marketing circuit (SMC). The research, which is qualitative and descriptive in nature, was conducted through interviews with market vendors and consumers, seeking to understand the socioeconomic, productive, and consumption dynamics involved in this space. The data reveal that most market vendors are family farmers who produce their own food without the use of pesticides, valuing agroecological practices and conscious consumption, which are important characteristics of marketing circuits. The market also proved to be relevant for income generation, strengthening associations, and access to public policies. On the other hand, difficulties were identified, such as the lack of adequate transportation for the distribution of production, which compromises the regularity of commercialization. Consumers demonstrated that they value the quality of the products, the relationship of trust with the market vendors, and the possibility of knowing the origin of the food. The UFRB fair differs from other local fairs in that it follows the principles of solidarity economy and requires that products come from family farms. The study highlights the importance of open-air markets as spaces of resistance against the dominance of large retail chains, promoting the strengthening of family farming, food security, and the appreciation of local culture. It concludes that short marketing circuits are fundamental to consolidating fairer, more sustainable, and more territorialized models of production and consumption.

Keywords: Family Farming; Short Marketing Circuits; Open-Air Markets; Solidarity Economy; Sustainable Consumption.

1 Introdução

O atual cenário alimentar é dominado por grandes cadeias de abastecimento, cujo objetivo é controlar diferentes segmentos da cadeia produtiva. Nesse contexto, as redes de hipermercados impulsionam a expansão do consumo de produtos industrializados e enlatados, modificando significativamente os hábitos alimentares da sociedade. Essa dinâmica contribui para o enfraquecimento dos sistemas locais de comercialização, os quais, por sua menor escala e estrutura, não conseguem competir em um mercado cada vez mais exigente e concentrado (Godoy, 2005).

Apesar da crescente industrialização do consumo alimentar, observa-se o surgimento de um movimento contrário, protagonizado por indivíduos que buscam uma alimentação mais saudável e consciente, esta tendência que se intensificou no período



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



pós-pandemia. Essas pessoas priorizam alimentos livres de agrotóxicos, produzidos localmente e adquiridos por meio de canais curtos de comercialização, como as feiras livres. A esse fenômeno dá-se o nome de “Locavorismo”, termo cunhado por Azevedo (2015) para designar uma prática alimentar que valoriza alimentos sazonais, locais e frescos, com redução no consumo de carne.

O Locavorismo está intimamente ligado à agricultura familiar, promovendo a valorização dos alimentos locais e a criação de vínculos entre consumidores e produtores. Por meio de sistemas agroalimentares sustentáveis, esse movimento fomenta a economia local, incentivando a venda direta e fortalecendo a produção de base familiar (Azevedo, 2015).

No Brasil, a agricultura familiar é um dos principais pilares da segurança alimentar, responsável pelo abastecimento do mercado interno. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, 76,82% dos estabelecimentos agropecuários do país, cerca de 3,9 milhões pertencem a grupos familiares (IBGE, 2017). No entanto, a comercialização de seus produtos ainda enfrenta obstáculos, como a presença de intermediários que compram a preços baixos. Como alternativa, surgem os circuitos curtos de comercialização (CCC), que viabilizam a venda direta ao consumidor e garantem preços mais justos aos agricultores (Silva et al., 2017).

As feiras livres representam um desses canais. Além de facilitarem o escoamento da produção, desempenham papel relevante no desenvolvimento local, tanto no aspecto econômico quanto na valorização da cultura e da produção regional. Elas promovem ainda a redução de custos com transporte e atravessadores, tornando-se espaços privilegiados de troca e interação social (Silva et al., 2017; Azevedo e Nunes, 2019).

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a dinâmica de comercialização dos produtos da agricultura familiar na Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), campus Cruz das Almas como circuito curto de comercialização (CCC). O trabalho está organizado em quatro partes, além desta introdução, iniciando pelo referencial bibliográfico sobre agricultura



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



familiar e feiras livres, seguido pela metodologia da pesquisa. Na sequência são apresentados os principais resultados e discussão e as considerações finais.

2 Agricultura Familiar e Feiras Livres: Dinâmicas de Circuitos Curtos de Comercialização

A Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, define como agricultor familiar aquele que exerce atividades no meio rural em área de até quatro módulos fiscais, utilizando predominantemente mão de obra familiar e cuja renda provém, em sua maior parte, de atividades econômicas desenvolvidas no próprio estabelecimento (BRASIL, 2006). A agricultura familiar é responsável por promover a segurança alimentar, gerar emprego e renda, conservar a biodiversidade e preservar tradições culturais, sendo compreendida como uma forma de vida (Lima; Silva; Iwata, 2018).

A partir da década de 1990, a agricultura familiar passou a ganhar maior visibilidade no Brasil, especialmente com a implementação de políticas públicas voltadas ao seu fortalecimento. Em 1995, foi criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que possibilitou o acesso ao crédito rural, contribuindo para o financiamento das atividades produtivas dos agricultores familiares (Delgado; Bergamasco, 2017).

Além de garantir alimentos para o autoconsumo e abastecimento do mercado interno, a agricultura familiar tem papel fundamental na contenção do êxodo rural, atuando como alternativa de renda para famílias em situação de vulnerabilidade. No entanto, enfrenta diversos desafios, sobretudo em relação à comercialização e inserção em mercados formais. De acordo com Sabbato, Buainain e Guanziroli (2003), a concorrência com produtos importados e de grandes produtores que possuem vantagens estruturais, como acesso a subsídios e canais de distribuição, prejudica a competitividade da agricultura familiar.

Ainda assim, existem canais de escoamento alternativos. Segundo o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA, 2018), os principais canais de



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



comercialização da agricultura familiar são: feiras, mercados institucionais, comércio justo e solidário, mercados convencionais e supermercados. Destacam-se especialmente os canais curtos de comercialização, como feiras e venda direta na propriedade, que fortalecem os vínculos de confiança entre produtores e consumidores (Ramirez; Sousa; López, 2020).

Os circuitos curtos de comercialização (CCC) caracterizam-se pela redução ou ausência de intermediários entre produtores e consumidores. Podem ocorrer de forma direta como nas feiras livres e vendas na propriedade ou indireta, desde que haja apenas um intermediário envolvido (Ruivo; Carvalho, 2017).

Embora esse tipo de comercialização remonte aos primeiros processos de troca de alimentos, fatores contemporâneos como a modernização agrícola, a desconfiança do consumidor em relação à origem dos alimentos e a busca por produtos mais saudáveis e sustentáveis têm impulsionado a retomada e valorização dos CCC (Rover; Doralt, 2021).

As comercializações realizadas por meio dos circuitos curtos de comercialização (CCC) podem ocorrer de diferentes formas, sendo classificadas em: (a) venda direta na propriedade rural; (b) venda direta fora da propriedade, por meio de feiras livres, lojas de associações de produtores, grupos de consumidores organizados, entrega de cestas domiciliares e pontos de venda em beiras de estrada; e (c) venda indireta, com a presença de apenas um intermediário entre produtor e consumidor, como nos casos de cooperativas de produtores, restaurantes (coletivos ou individuais), pequenos mercados, plataformas virtuais e programas governamentais de compra institucional (Darolt; Lamine; Brandenburg, 2013).

Nesse sentido, Araújo e Ribeiro (2018) destacam o papel dos mercados institucionais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), como importantes mecanismos de apoio à comercialização por meio dos CCC.

Schneider (2021) ressalta que esses circuitos contribuem para reconstruir os vínculos entre alimento, território e sociedade. Essa proximidade entre produtores e consumidores fortalece a confiança e permite a valorização da identidade dos alimentos e dos modos de produção locais.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



As feiras livres, por sua vez, se inserem de maneira expressiva nessa lógica, uma vez que retiram a figura do atravessador e promovem relações sociais, valorização da cultura local e o fortalecimento da agricultura familiar (Pereira; Brito; Pereira, 2017). Estes espaços representam um dos principais espaços de comercialização da economia informal, reunindo múltiplas ocupações, mercadorias e intensos fluxos de interação social. Elas garantem o acesso da população a alimentos frescos e acessíveis, ao mesmo tempo em que geram oportunidades de trabalho e renda para milhares de famílias (Godoy; Anjos, 2007).

No Brasil, as feiras livres se consolidaram como mercados varejistas ao ar livre de periodicidade semanal, organizadas pelas prefeituras com o intuito de distribuir gêneros alimentícios e produtos básicos à população (Mascarenhas; Dolzani, 2008). Mais do que um espaço de comercialização, as feiras livres possuem importância econômica, social, cultural e política. São ambientes onde se fortalecem os laços comunitários e se promovem trocas materiais e simbólicas entre feirantes e consumidores (Pereira; Brito; Pereira, 2017).

A partir da década de 1960, as feiras enfrentaram ameaças à sua existência devido à urbanização acelerada, à circulação de automóveis nas vias públicas e à expansão de supermercados e shoppings centers. Ainda assim, resistem até hoje como importantes espaços de abastecimento e interação social (Mascarenhas; Dolzani, 2008; Silveira *et al.*, 2017).

Na perspectiva dos agricultores familiares, as feiras são instrumentos fundamentais para a geração de renda e autonomia. Já para os consumidores, representam espaços de acesso a produtos locais, frescos e, muitas vezes, livres de agrotóxicos. Além disso, proporcionam o contato direto com quem produz os alimentos, favorecendo a transparência na cadeia produtiva (Godoy; Anjos, 2007; Pereira; Brito; Pereira, 2017).

Mesmo enfrentando desafios, como a falta de modernização e a concorrência com o comércio varejista formal, as feiras permanecem como símbolos de resistência e identidade cultural. Elas podem ser classificadas conforme o tipo de produtor: quando compostas exclusivamente por produtores diretos, são denominadas “feiras do produtor” ou “feiras



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



urbanas de abastecimento”; quando há a presença de intermediários, são chamadas de “feiras de mercado” (Araújo; Ribeiro, 2018 apud Pazera Jr., 2003; Guerra; Souza, 2010).

3 Metodologia

Segundo Gil (2009), a pesquisa científica é um procedimento racional e sistemático voltado à obtenção de respostas para problemas específicos, utilizando métodos e técnicas adequadas. Neste estudo, optou-se por uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, que, conforme Moresi (2003), busca compreender o fenômeno em seu ambiente natural, sem recorrer a métodos estatísticos formais, tendo como foco a descrição e a interpretação dos dados obtidos.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da realização de entrevistas com feirantes e consumidores da Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB, localizada no campus Cruz das Almas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Essa feira acontece quinzenalmente e constitui um espaço alternativo de comercialização direta, onde se privilegia a venda de produtos da agricultura familiar e da economia solidária.

Para a coleta de dados junto aos feirantes, utilizou-se um questionário estruturado, com perguntas abertas e fechadas, que abordaram aspectos como: gênero, escolaridade, idade, raça, renda, tamanho da propriedade, sistema de produção, acesso a políticas públicas, entre outros. Ao todo, foram aplicados oito questionários com feirantes atuantes na Feira UFRB.

No caso dos consumidores, a pesquisa teve como objetivo caracterizar o perfil do público frequentador da feira e analisar as relações estabelecidas com os feirantes. O questionário aplicado incluiu questões relacionadas à qualidade da alimentação, locais habituais de compra, frequência de visita à feira, principais produtos adquiridos, percepção sobre o sistema de produção e vínculos com os produtores, vinte consumidores foram entrevistados.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



A realização da pesquisa contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculada ao projeto “Agricultura familiar e circuitos curtos de comercialização: novas práticas de produção e consumo no estado da Bahia”. A coleta de dados foi realizada durante o segundo semestre de 2023.

Após a etapa de campo, os dados foram organizados e sistematizados no software Microsoft Excel, permitindo a construção de gráficos e quadros para apresentação e análise dos resultados. A interpretação dos dados seguiu uma abordagem descritiva, considerando os aspectos qualitativos das informações levantadas.

4 Dinâmicas da Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB

4.1 Caracterização Socioeconômica dos Feirantes

A Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB foi criada por meio do projeto de extensão “Redes de comercialização inovadoras na UFRB: agricultura familiar, economia solidária e sustentabilidade”, sendo inaugurada em 09 de setembro de 2022. Seu principal objetivo é criar um espaço dentro da universidade para a comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar e da economia solidária.

A feira acontece de forma quinzenal no campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em Cruz das Almas, e atualmente reúne cerca de 30 empreendimentos, entre agricultores familiares, artesãos, floristas e confeitarias.

Para este estudo, foram entrevistados oito feirantes. A maioria é do gênero feminino, cinco residem no município de Cruz das Almas e sete vivem na zona rural. Quanto à escolaridade, dois entrevistados declararam não possuir escolaridade formal, e a maioria afirmou ter renda de até um salário-mínimo.

Em relação às fontes de renda, os feirantes apontaram múltiplas origens: dois indicaram a feira como principal fonte de sustento, três citaram a aposentadoria, dois recebem o benefício do Bolsa Família, um possui vínculo formal de trabalho e dois



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



mencionaram o trabalho agrícola como fonte de renda. Cabe destacar que os entrevistados puderam selecionar mais de uma alternativa.

Conforme Azevedo e Nunes (2019), as feiras livres exercem um papel importante na economia local, funcionando como alternativas viáveis para o escoamento da produção da agricultura familiar, garantindo um canal fixo de comercialização e renda para os produtores.

Todos os feirantes entrevistados possuem vínculo com a terra: quatro informaram que a propriedade é própria, dois vivem em comunidades quilombolas e dois afirmaram não ter propriedade formalmente registrada. A maioria trabalha em propriedades de até duas tarefas de terra, e todos os entrevistados relataram possuir documentação da terra.

De acordo com Aquino, Alves e Vidal (2020), a concentração fundiária no Nordeste é um obstáculo histórico à consolidação da agricultura familiar. O acesso à terra e a políticas públicas adequadas são fundamentais para o fortalecimento da produção, a segurança alimentar e a renda das famílias do campo.

Na Feira UFRB, sete dos oito feirantes possuem a Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP) hoje substituída pelo Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF). Esse documento é indispensável para o acesso a políticas públicas voltadas à agricultura familiar, como o PAA e o PNAE (BAHIATER, 2017).

Cinco dos entrevistados informaram já ter acessado alguma política pública voltada para a agricultura familiar, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o PRONAF e a assistência técnica. Conforme Lira (2016), no Nordeste, muitos agricultores ainda enfrentam dificuldades para acessar políticas públicas de forma regular e eficaz, o que os torna vulneráveis, especialmente em momentos de crise.

Todos os feirantes entrevistados integram alguma associação comunitária, cooperativa ou organização de economia solidária. As associações citadas incluem: Associação Comunitária da Sapucaia; Associação dos Moradores de Queimadas; Associação Quilombola Baixa da Linha; Associação da Agricultura Familiar de Porções; Associação



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Quilombola Anacleto Conceição; Associação Comunitária de Lagoa do Cedro; e Associação dos Moradores e Agricultores Familiares de Lagoa da Rosa.

O associativismo é considerado um mecanismo fundamental de organização e fortalecimento da agricultura familiar. Segundo o SENAR (2010; 2011) e Fagotti (2017), a participação em associações facilita o acesso a políticas públicas, fomenta a autonomia dos agricultores e fortalece vínculos comunitários. Santana (2019) ressalta que um dos princípios do associativismo é a cooperação, que favorece o desenvolvimento coletivo e a melhoria da qualidade de vida.

O transporte foi apontado como um dos principais entraves à comercialização. Seis dos feirantes afirmaram possuir veículo próprio, porém todos relataram que não recebem nenhum tipo de apoio para transporte. Esse custo adicional dificulta a participação regular na feira e o escoamento da produção, especialmente para pequenos produtores. Em contraste, Silva e Borges (2020) mostram que em feiras como as de Arapiraca (AL), o apoio da gestão municipal com transporte e assistência técnica tem sido um diferencial positivo.

A comercialização direta dos(as) produtores(as) aos consumidores, através da Feira da UFRB, além da produção de forma agroecológica, apesar de não ser ainda certificada, caracteriza este espaço como um circuito de comercialização. Em relação às dificuldades enfrentadas no caso estudado, estas corroboram com Ramirez, Sousa e López (2020), que alertam que, nos circuitos curtos de comercialização, o custo com transporte é uma das principais desvantagens, já que o retorno financeiro pode não cobrir o investimento com deslocamento. Por isso, é fundamental desenvolver estratégias de formação que auxiliem os feirantes a calcular os preços de seus produtos, incluindo todos os custos operacionais, como o transporte.

Quanto aos produtos comercializados na Feira UFRB, destacam-se: banana, feijão, andu, ovos, mel, licores, doces, temperos caseiros, laranja, couve, alface, coentro, entre outros. Todos os entrevistados afirmaram que produzem os alimentos que comercializam, sem o uso de produtos químicos. Este é um dos principais critérios para participar da feira, que adota princípios agroecológicos e exige que os feirantes produzam os itens que vendem.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



A verificação desses critérios é realizada por uma comissão de planejamento produtivo e acompanhamento de campo, que garante o cumprimento das normas e a qualidade dos produtos ofertados. Isso contribui para que a Feira UFRB se configure como um exemplo de circuito curto de comercialização, que preza pela aproximação entre produtores e consumidores e pela transparência na origem dos alimentos.

Além da feira, os feirantes relataram vender seus produtos em outros canais, como: diretamente na propriedade, em outras feiras, para supermercados, grupos de consumo e em parcerias com o Centro Público de Economia Solidária (Cesol).

Em relação às principais dificuldades enfrentadas na Feira UFRB, a falta de transporte foi novamente a questão mais mencionada, reforçando a necessidade de políticas públicas que apoiem a logística de escoamento da produção.

Como pontuado por Morel *et al.* (2015), compreender a percepção dos consumidores em relação às feiras é fundamental para analisar os circuitos curtos de comercialização e aprimorar a relação entre produtores e consumidores.

4.2 Caracterização dos Consumidores

A caracterização do público consumidor da Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB foi realizada com base em entrevistas com vinte frequentadores do espaço. Entre os entrevistados, dezoito se identificaram como do gênero feminino e dois como do gênero masculino. A faixa etária apresentou diversidade: cinco consumidores têm até 25 anos; dois estão entre 25 e 30 anos; cinco têm entre 31 e 40 anos; sete entre 41 e 50 anos; e um possui 60 anos ou mais. Esses dados indicam que a feira atrai públicos de diferentes idades, desde jovens até idosos.

Ao serem questionados sobre a qualidade de sua alimentação, os consumidores atribuíram notas que variaram entre 5 e 9. Um entrevistado avaliou sua alimentação com nota 5, cinco atribuíram nota 7, nove deram nota 8 e quatro indicaram nota 9. Isso sugere uma percepção predominantemente positiva sobre a própria alimentação, o que pode estar relacionado ao consumo de produtos mais naturais e frescos, adquiridos na feira.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Sobre os locais onde costumam realizar suas compras, os consumidores relataram frequência tanto em supermercados quanto em feiras. Destaca-se que muitos afirmaram também realizar compras em outras feiras e em mercadinhos de bairro, sendo possível marcar mais de uma alternativa. O fato de a Feira UFRB acontecer quinzenalmente pode influenciar essa diversidade de locais de compra.

Quanto à frequência com que visitam a feira, dezessete consumidores afirmaram ir ao menos uma vez por semana, dois disseram ir duas vezes por semana e um relatou frequentar a cada 15 dias. A frequência com que os consumidores visitam as feiras está frequentemente associada à aquisição de alimentos frescos, especialmente hortaliças, cuja perecibilidade exige compras mais regulares. Isso revela a importância das feiras na rotina alimentar dos consumidores, sobretudo para aqueles que priorizam alimentos in natura.

Em relação aos aspectos considerados mais importantes na hora da compra, os itens mais citados foram qualidade e preço dos produtos. Segundo Cerdeño (2006), esses dois fatores são decisivos na escolha do local de compra. Embora os preços mais acessíveis sejam um atrativo, muitos consumidores demonstram disposição para pagar mais por produtos que apresentem maior qualidade e frescor.

Uma das características marcantes das feiras livres é a possibilidade de estabelecer relações de proximidade entre consumidores e feirantes. Na Feira UFRB, doze entrevistados afirmaram que costumam comprar sempre nas mesmas barracas, o que evidencia vínculos de fidelidade e confiança. Quando questionados sobre a relação com os feirantes, treze consumidores relataram manter algum tipo de relação de proximidade, amizade ou confiança, enquanto sete disseram não ter esse tipo de vínculo.

Esses dados dialogam com os achados de Morel et al. (2015), que identificaram que a preferência de compra nas feiras está muitas vezes relacionada ao relacionamento com o feirante. Essa relação de confiança e proximidade é um elemento essencial dos circuitos curtos de comercialização (CCC), pois aproxima o consumidor do produtor, criando uma conexão baseada na transparência e no reconhecimento mútuo.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



No que se refere ao conhecimento sobre o sistema de produção, a maioria dos consumidores da Feira UFRB demonstrou estar informada sobre a origem dos produtos. Apenas três pessoas afirmaram não saber se os alimentos são produzidos pelos próprios feirantes. De forma semelhante, apenas três entrevistados disseram não saber se a produção é realizada em regime familiar. Esse dado é relevante, pois demonstra que a maioria dos consumidores reconhece o caráter familiar e agroecológico da produção, o que reforça o propósito da feira enquanto espaço de valorização da agricultura familiar.

Quanto ao uso de agrotóxicos, catorze entrevistados afirmaram saber se os feirantes utilizam ou não esses produtos em suas lavouras. Na Feira UFRB, os feirantes são orientados a não utilizarem defensivos químicos e a adotarem práticas agroecológicas como critério de participação, sendo esse aspecto acompanhado por uma comissão de planejamento e monitoramento da produção. A transparência nesse processo contribui para a construção de uma relação mais sólida entre produtores e consumidores, baseada na confiança e no compromisso com a saúde e o meio ambiente.

De acordo com Cruz *et al.* (2020), o hábito de frequentar feiras livres está associado à busca por alimentos locais, livres de agrotóxicos e com origem conhecida. A Feira UFRB, ao adotar critérios como a exigência da produção própria e o cultivo agroecológico, atende a essas demandas, consolidando-se como um espaço de comercialização ética, consciente e territorialmente enraizada.

5 Considerações Finais

As feiras livres, especialmente quando organizadas sob os princípios da agricultura familiar e da economia solidária, desempenham um papel fundamental na promoção de circuitos curtos de comercialização, fortalecendo os vínculos entre produtores e consumidores e criando um espaço de confiança, proximidade e troca de saberes. A Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB demonstrou ser um importante canal de comercialização direta, onde os produtos ofertados são, em sua maioria, oriundos da agricultura familiar, cultivados sem o uso de agrotóxicos e com práticas agroecológicas.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



A pesquisa evidenciou que a Feira UFRB configura-se como um ambiente fértil para o fortalecimento da agricultura familiar, apresentando um modelo de comercialização justo e sustentável. O espaço proporciona não apenas o escoamento da produção, mas também contribui para a geração de renda, o reconhecimento do trabalho dos agricultores e a promoção de práticas de produção saudáveis e ambientalmente responsáveis. A relação entre consumidores e feirantes se mostrou marcada por vínculos de confiança, preferência e fidelização, características centrais dos circuitos curtos.

Além disso, constatou-se que a feira representa um espaço de resistência frente à hegemonia das grandes redes varejistas e à padronização dos hábitos de consumo. A feira permite ao agricultor familiar certa autonomia na definição dos preços e dos produtos ofertados, além de maior controle sobre sua produção e comercialização. Do ponto de vista do consumidor, a feira oferece alimentos frescos, produzidos localmente e com rastreabilidade, ao mesmo tempo em que permite o fortalecimento das economias locais.

No entanto, a análise também revelou desafios enfrentados pelos feirantes, principalmente no que se refere à logística e ao transporte da produção até o local de comercialização. A ausência de apoio institucional nessa área representa um obstáculo para o pleno desenvolvimento das atividades produtivas e comerciais dos agricultores familiares, especialmente para aqueles que não possuem transporte próprio. Esse fator, somado à comercialização esporádica (em geral, uma vez por semana), pode comprometer a rentabilidade dos pequenos produtores e limitar sua permanência no mercado.

Outro ponto importante diz respeito à diferenciação entre feiras. A Feira UFRB, por adotar critérios como a exigência da produção própria e o cultivo sem insumos químicos, pode ser caracterizada, de fato, como uma feira da agricultura familiar e da economia solidária. Já outras feiras do município, como a Feira Livre de Cruz das Almas, embora se constituam como espaços tradicionais de comercialização, nem sempre seguem os princípios dos circuitos curtos, pois muitos feirantes atuam como comerciantes e não produtores diretos dos alimentos que comercializam, o que rompe com a lógica original dessas feiras e insere intermediários no processo.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Dessa forma, compreende-se que o fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização passa pela criação e manutenção de políticas públicas que assegurem aos agricultores familiares o acesso a transporte, assistência técnica, crédito e espaços justos de comercialização. Ademais, é fundamental investir em processos formativos e organizativos que fortaleçam o protagonismo dos feirantes, promovam o associativismo e incentivem a transição agroecológica.

As feiras livres, e em especial a Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária da UFRB, revelam-se não apenas como espaços de compra e venda, mas como territórios de resistência, identidade e transformação social. A partir da valorização da produção local, da promoção da alimentação saudável e do fortalecimento de vínculos sociais e comunitários, tais feiras contribuem significativamente para a construção de um modelo de desenvolvimento mais justo, solidário e sustentável.

Referências Bibliográficas

AQUINO, J.R; ALVES, M.O; VIDAL, M.F. Agricultura familiar no nordeste : um breve panorama dos seus ativos produtivos e da sua importância regional. **Revista Econômica do Nordeste**. Disponível em <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10481>> acesso em 27 de fevereiro de 2024

ARAUJO, A. M; RIBEIRO, E.M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2018. Disponível em < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/52571> > acesso em 5 de junho de 2023

ARAUJO, A.M; RIBEIRO. E.M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, vol. 26, núm. 3, pp. 561-583, 2018. disponível em < https://www.redalyc.org/journal/5999/599963785004/html/#redalyc_599963785004_ref37 > acesso em 10 de maio de 2024

AZEVEDO, E.. O ativismo alimentar na perspectiva do locavorismo. **Ambiente & Sociedade**, v. 18, p. 81-98, 2015. Disponível em < [scielo - brasil - o ativismo alimentar na perspectiva do locavorismo o ativismo alimentar na perspectiva do locavorismo](#) > acesso em 10 de maio de 2024

AZEVEDO. M.B.A.; NUNES. E.M. As feiras da agricultura familiar: um estudo na rede Xique Xique nos territórios Açu-Mossoró e sertão do Apodi (RN). **GEOTemas**, Pau dos Ferros, Rio



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Grande do Norte, Brasil, v 3, n. 2(3), p. 59-74, jul./dez., 2013. Disponível em
<https://www.researchgate.net/profile/Emanoel-Nunes/publication/333967893_As_Feiras_da_Agricultura_Familiar_um_estudo_na_Rede_XIQUE_XIQUE_nos_territorios_Acu-Mossoro_e_Sertao_do_Apodi_RN/links/5d0faa2f92851cf440462d73/As-Feiras-da-Agricultura-Familiar-um-estudo-na-Rede-XIQUE-XIQUE-nos-territorios-Acu-Mossoro-e-Sertao-do-Apodi-RN.pdf> acesso em 01 de março de 2023.

BAHIATER. Declaração de Aptidão ao Pronaf. 29 de agosto de 2017. Disponível em<<http://www.bahiater.sdr.ba.gov.br/servicos/o-que-e-dap>> acesso em 20 de fevereiro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.326**, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm. Acesso em 18 de Novembro de 2022.

CERDEÑO, V. J. M. Hábitos de compra y consumo de frutas y hortalizas: resultados Del observatório Del consumo y La distribución alimentaria. Distribución y Consumo, Jul./Ago. 2006. Disponível em
<https://www.mercasa.es/wp-content/uploads/2022/10/1290185790_DYC_2006_88_5_28.pdf> Acesso em 11 de maio de 2024

DA SILVA, D.V; BORGES, J. R. P. As feiras-livres da agricultura familiar em Arapiraca, Alagoas, Brasil. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 40, n. 1, p. 84-101, 2020. Disponível em <<http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/642>> acesso em 15 de janeiro de 2024.

DAROLT, M. R., LAMINE, C., & BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. *Revista Agriculturas*, 10(2), 8-13. 2013. Disponível em <
<https://aspta.org.br/files/2013/09/Revista-Agriculturas-V10N2-Artigo-1.pdf>> acesso em 18 de abril de 2023.

DELGADO, G.C; BERGAMASCO, S.M.P.P.. **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. Disponível em < https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Agricultura_Familiar.pdf> acesso em 24 de outubro de 2022.

FAGOTTI, L. N. Associativismo e agricultura familiar: reflexões sobre uma associação de produtores rurais no interior paulista. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, 2017. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/10948>> acesso em 27 de fevereiro de 2024

Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), principais canais de comercialização da agricultura familiar- Salvador [Brasil]. p52, 2018. ISBN 978-92-9072-830-6. Disponível em <
<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RN/Anexos/gestao-e-comercializa>



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



[cao-principais-canais-de-comercializacao-para-a-agricultura-familiar-brasileira.pdf](#)> acesso em 22 de novembro de 2022.

GIL, Antônio Carlos, 1946-. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002 Bibliografia. ISBN 85-224-3169-8 Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/web/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf> acesso em 26 de novembro de 2022.

GODOY, W.I. **As feiras-livres de Pelotas, RS: estudo sobre a dimensão sócio-econômica de um sistema de comercialização**. 2005. 284 f. Tese (Doutorado em produção vegetal)- Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2005. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/GODOY-Feiras-Livres-2005.pdf>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

GODOY, W.I; DOS ANJOS, F.S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007. Disponível em <<https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/download/6312/4619>> acesso em 06 de julho de 2023.

GUANZIROLI, Carlos Enrique, BUAINAIN, Antonio Marcio e DI SABBATO, Alberto. Dez anos de evolução da agricultura familiar no Brasil: (1996 e 2006). **Revista de Economia e Sociologia Rural** [online]. 2012, v. 50, n. 2, pp. 351-370. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0103-20032012000200009>>Acesso em 25 Outubro 2022.

GUILHOTO, Joaquim. *et al.* **A Importância Da Agricultura Familiar No Brasil e em Seus Estados (PIB da Agricultura Familiar no Brasil e em seus Estados)** (2007). **V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, 2007 , Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2408072> Acesso em 24 de outubro de 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo Agropecuário 2017. Disponível em<<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>> Acesso em: 07 de outubro de 2022.

LIMA, Antônia Francisca; SILVA, Edvânia Gomes de Assis; IWATA, Bruna de Freitas. Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura. **Retratos de Assentamentos**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 50-68, 2019. DOI: 10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2019.v22i1.332. Disponível em: <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/332> > acesso em 24 de outubro de 2022.

LIRA, J.S. **Resiliência da agricultura familiar no nordeste brasileiro**.Dissertação (Mestrado em economia rural). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias. Programa de Pós-Graduação em Economia Rural. Fortaleza. p.82. 2016. disponível em <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19395/1/2016_dis_jslira.pdf> acesso em 12 de fevereiro de 2024.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M.C.S. **Feira Livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v.2, n.4, Agosto/2008. Disponível em < <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/download/4710/3971/18001> > acesso em 25 de agosto de 2023.

MOREL, A.P.S; *et al.* Comportamento Do Consumidor Das Feiras Livres: Um Estudo Em Um Município De Minas Gerais. **Rev. FSA, Teresina, v.12, n.4, jul./ago. 2015**. Disponível em < <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/838> > acesso em 15 de maio de 2024

PEREIRA, V.; BRITO, T.; PEREIRA, S. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas, [S. l.], v. 10, n. 2, 2017**. DOI: 10.32813/rchv10n22017artigo6. Disponível em< <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/383> > Acesso em: 5 julho 2023.

ROVER, O. J; DAROLT, M.R. Circuitos Curtos de Comercialização como Inovação Social que Valoriza A Agricultura Familiar Agroecológica. **Darolt, Moacir Roberto; Rover, Oscar José Circuitos Curtos De Comercialização, Agroecologia e Inovação Social**, p. 19, 2021. Disponível em < https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/229738/circuitos_curtos.pdf?sequence=1#page=19 > acesso em 25 de maio de 2023.

RUIVO, P.; CARVALHO, J. Gestão de mercados de proximidade—O desafio de preparar o caminho. **Revista da UI_IPSantarém**, p. 71-77, 2017 Disponível em < <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/download/14501/10887/45043> > acesso em 02 de junho de 2023.

SILVA, D.O. A feira livre de Cruz das Almas-BA : dinâmica espacial, planejamento e gestão municipal. Cruz das Almas/BA. UFRB, 2018. 136p. Disponível em: < www.ufrb.edu.br/editora/titulospublicados > Acesso em 20 de Janeiro de 2023.